



ALVES, Camila G., PINTO, Henrique G. A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE PEDRO PINCHAS GEIGER SEGUNDO SUAS OBRAS NA REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA. III Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico I Encontro Nacional de Geografia Histórica, 2012, Rio de Janeiro. História da Geografia no Brasil, 2012.

**Título: A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE PEDRO PINCHAS GEIGER SEGUNDO SUAS OBRAS NA REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA**

Camila Gomes Alves<sup>1</sup>  
[camilagomes\\_alves@yahoo.com.br](mailto:camilagomes_alves@yahoo.com.br)  
Henrique Garcia Pinto<sup>2</sup>  
[geo.henrique@hotmail.com](mailto:geo.henrique@hotmail.com)

**Resumo**

O trabalho aqui proposto apresenta alguns resultados de pesquisa produzidos pelo GeoBrasil, Grupo de Pesquisa Geografia Brasileira: História e Política, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), através do projeto *Dicionário dos Geógrafos Brasileiros, 1890-1990*.<sup>3</sup> O objetivo central deste artigo é discutir as contribuições de um grande geógrafo brasileiro Pedro Pinchas Geiger, através da análise de sua produção intelectual publicada na Revista Brasileira de Geografia (RBG), sendo eles mais precisamente entre os anos de 1951 e 1982.

A Revista Brasileira de Geografia, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) teve sua primeira publicação em 1939 – ano em que Pedro Geiger ingressou para o curso de Geografia e História na Universidade do Brasil – e desde então tem se constituído como um importante veículo de comunicação e intercâmbio de conhecimentos relacionados à Geografia no Brasil, de um modo geral.

Em paralelo às análises dos artigos publicados, serão feitas correlações à trajetória espacial e intelectual de Pedro Geiger, buscando evidenciar o caminho percorrido e onde suas influências se fizeram perceber em suas obras. Assim, será possível perceber a fundamental importância desse geógrafo mediante às profundas transformações no espaço geográfico brasileiro.

<sup>1</sup> Bolsista iniciação científica PIBIC/UERJ.

<sup>2</sup> Bolsista iniciação científica PIBIC/CNPq.

<sup>3</sup> O projeto de pesquisa *Dicionário dos Geógrafos Brasileiros* conta com apoio da UERJ, da Fundação de FAPERJ e do CNPq.



## Introdução

Resgatar a história da construção material do território do Brasil, assim como a história da própria Geografia brasileira são alguns dos objetivos do GeoBrasil, Grupo de Pesquisa Geografia Brasileira: História e Política, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), através do projeto *Dicionário dos Geógrafos Brasileiros, 1890-1990*. O projeto pretende constituir uma base de consulta e pesquisa *online* sempre atualizada através de artigos/verbetes dedicados a importantes nomes da Geografia brasileira, fundamentais para a consolidação de tal ciência no país.

Os trabalhos sobre o geógrafo Pedro Pinchas Geiger, entre eles o aqui apresentado, são resultados preliminares que fazem parte desse grande e aberto projeto. Ao buscarmos a trajetória espacial do autor, sua origem e sua formação, e associarmos à sua trajetória intelectual através da releitura de sua produção, podemos realizar um resgate do território de vida de obra de Pedro Geiger. A partir desses métodos de pesquisa, foi trabalhada a hipótese de que a interpretação e compreensão de mundo do autor possuem influências e direcionamentos procedentes dos lugares onde viveu e das relações de natureza diversa estabelecidas.

Pedro Geiger foi um dos pioneiros da Geografia brasileira institucionalizada. Desde muito jovem chamou a atenção de professores e geógrafos mais experientes, o que possibilitou exercer sua grande capacidade intelectual e disposição para a pesquisa geográfica. Após ingressar no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, pode participar de suas pioneiras expedições e trabalhos, e divulgar seus trabalhos, fundamentais para o planejamento territorial brasileiro durante décadas, e que atravessou diversas gestões e contextos, tanto geográficos, quanto políticos.

Sendo assim, a Revista Brasileira de Geografia (RBG) se apresentou como o mais importante veículo de divulgação desses trabalhos durante as primeiras décadas da Geografia brasileira e que Pedro Geiger e outros notáveis utilizaram largamente através dos anos. Será apresentada uma breve consideração sobre a criação da RBG e seu contexto para, posteriormente, iniciarmos a evolução do pensamento de Pedro Geiger através de seus artigos.



## 1 – A Revista Brasileira de Geografia

A Revista Brasileira de Geografia foi criada em 1938, de acordo com a resolução nº 18, de 12 de julho de 1938, da Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia (CNG). Contudo, sua primeira publicação somente ocorreu em 1939.

O Conselho Nacional de Geógrafos foi uma entidade oficial da Geografia brasileira que surgiu a partir da adesão do Brasil à União Geográfica Internacional e dos esforços governamentais para a expansão de atividades geográficas no território brasileiro.<sup>4</sup> Seus antecedentes remontam a missão universitária francesa no Brasil, com a visita e chegada de importantes geógrafos franceses ao Brasil, como Emmanuel De Martonne (1873 – 1955), Pierre Monbeig (1908 – 1987) e Pierre Deffontaines (1874 – 1978) e o crescente anseio de políticos e intelectuais pela institucionalização da Geografia no Brasil. Através do Decreto nº 1527, de 24 de março de 1937, o presidente Getúlio Vargas cria o CNG, incorporado ao IBGE, e por muito anos ocorria a triangulação Conselho Nacional de Geografia – União Geográfica Internacional – Governo do Brasil (EVANGELISTA, 2012)

A RBG surge a partir desse contexto, tendo como função ser um “veículo de comunicação, instrumento de penetração com o qual o Conselho se fará presente em todos os recantos de atividade geográfica do país” (SOARES, 1939) e fornecendo a possibilidade de difundir a prática de pesquisas geográficas tão necessárias ao Brasil naquela época. O desejo de Getúlio Vargas em ampliar os conhecimentos sobre o vasto território brasileiros foram fundamentais para o surgimento dessas entidades geográficas citadas.

Pedro Pinchas Geiger trabalhou no IBGE de 1942 até se aposentar, em 1984. Durante esse período, utilizou a RBG diversas vezes para difundir suas reflexões, seus trabalhos, suas contribuições muitas vezes pioneiras e bastante utilizadas como bibliografia para estudos futuros. Além do viés acadêmico, seus artigos serviam de base para órgãos de planejamento do governo a fim de exercer ações práticas que pudessem ser eficientes ao Brasil, em geral.

Portanto, a evolução do pensamento de um intelectual como Pedro Geiger, funcionário de um órgão da importância do IBGE, adquire grandes proporções de importância e influência quando difundida por um

---

<sup>4</sup> Para maiores informações acerca da criação do Conselho Nacional de Geografia e da Revista Brasileira de Geografia, recomenda-se a leitura da edição nº 1, volume 1, de 1939 da RBG, onde há uma breve apresentação do presidente do IBGE à época, José Carlos de Macedo Soares, e um histórico do CNG escrito por sua secretaria geral.



veículo de comunicação como a RBG, sendo essencial para afirmação de Pedro Geiger como um dos grandes geógrafos brasileiros. Abaixo, segue um quadro com os artigos que serão analisados no decorrer do artigo.

Ano	Volume	Nº	Artigo
1951	13	3	Alguns problemas geográficos na Região entre Teófico Otôni (Minas Gerais) e Colatina (Epírito Santo)
1954	16	3	Notas sobre a evolução da ocupação humana na Baixada fluminense
1956	18	1	A região setentrional da baixada fluminense
1956	18	4	Urbanização e industrialização no Orla Oriental da Baía de Guanabara
1960	22	1	Ensaio para a estrutura urbana do Rio de Janeiro
1961	23	2	Aspectos do fato urbano no Brasil
1969	21	1	Regionalização
1970	32	2	Divisão regional e o problema regional
1970	32	4	Cidades do Nordeste. Aplicação de "factory analysis" no estudo de cidades nordestinas
1973	35	1	Diretrizes e prioridades em pesquisas urbanas
1974	36	3	Reflexões sobre a evolução da estrutura espacial do Brasil sob o efeito da industrialização
1974	36	4	Distribuição de atividades agropastoris em torno da metrópole de São Paulo
1980	42	2	Questões da Concentração Geográfica dos Estabelecimentos Industriais
1980	42	3	Fluxos Interestaduais de Vazamento de renda e Pobreza Urbana
1982	44	2	Contribuição aos estudos da estrutura espacial do sistema industrial no Brasil

## 2 – A trajetória espacial de Pedro Geiger e sua produção intelectual na RBG

Pedro Pinchas Geiger nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 18 de fevereiro de 1923<sup>5</sup> e seus pais eram imigrantes nascidos na Palestina, no Oriente Médio, sendo a família materna de origem austríaca<sup>6</sup>. Todas as

<sup>5</sup> Por motivações religiosas, o pai – israelita – de Pedro Geiger o registrou como nascido a 1º de março de 1923.

<sup>6</sup> A maior parte das informações biográficas aqui apresentadas foi retirada da entrevista concedida por Pedro Geiger à Monica Machado, disponível em sua tese de doutorado, defendida na USP, em 2012, sob orientação do professor André Roberto Martin, A Geografia Universitária Carioca e o Campo Científico-Disciplinar da Geografia Brasileira.



questões que sua família já havia vivido em relação a questões como território, nacionalismos e espaço geográfico suscitaram em Pedro Geiger um interesse especial por Geografia e História. Aos dez anos de idade, ingressou no Colégio Pedro II, de onde saiu aos 16, em 1939, e de onde adquiriu sua formação política de inspiração esquerdista, sob influência de alguns professores como José Oiticica<sup>7</sup>. Com pretensões de se tornar médico, porém sem condições financeiras para o custeio do curso de medicina, ingressou na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, no curso de Geografia e História, para se licenciar como professor e, assim, poder custear os estudos de medicina<sup>8</sup>.

Contudo, durante seu curso de Geografia e História, foi convidado pelo geógrafo francês e professor da Universidade do Brasil, Francis Ruellan<sup>9</sup> para trabalhar no recente Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em 1942 (MACHADO, 2002). O IBGE havia sido criado em 1937 e participavam dele nomes importantes para a Geografia Brasileira, como Orlando Valverde, Fábio de Macedo Soares Guimarães e Miguel Alves de Lima.

Após sua entrada no IBGE, Pedro Geiger participa de expedições de funcionários do IBGE para levantamento de dados e elaboração de mapas por todo o Brasil. Essas missões seriam de fundamental importância para as análises posteriores de Pedro Geiger acerca de temas como hierarquia urbana ao elaborar esboços de classificações utilizando essa experiência de campo aliada às ideias acadêmicas que aprendia, além do contato direto palpáveis questões geográficas e com outros grandes geógrafos brasileiros e estrangeiros.

Ainda na década de 40, Pedro Geiger graduou-se pela Universidade do Brasil e, durante a primeira divisão regional do Brasil feita pelo IBGE, Pedro Geiger fica responsável por fazer a divisão regional do estado de São Paulo e concentra seus estudos em análises regionais e Geografia Urbana. Em 1946, Pedro Geiger e outros geógrafos fizeram cursos de especialização na Université Joseph Fourier em Grenoble, França.

<sup>7</sup> José Rodrigues Leite e Oiticica (Oliveira/MG, 1882 – Rio de Janeiro/RJ, 1957) foi um filólogo, professor e militante anarquista autor de importantes obras tanto de filologia portuguesa, quanto de política anarquista. Disponível em [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/jose\\_oiticica](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/jose_oiticica), acesso em: 30 de maio de 2012.

<sup>8</sup> Nessa época, após concluírem o ginásio, os alunos que desejassem seguir seus estudos deveriam fazer cursos complementares em algumas das três áreas que desejassem seguir: Ciências exatas, ciências humanas ou ciências biológicas. Assim, Pedro Geiger viveu um período em que frequentava a Faculdade de Filosofia e o curso complementar de ciências biológicas simultaneamente.

<sup>9</sup> Francis Ruellan (1894-1975) trabalhou no Rio de Janeiro entre 1940 e 1956, formando a segunda geração de geógrafos. Desenvolveu o ensino e a pesquisa em Geografia, principalmente na área de Geomorfologia (MACHADO, 2002)



## 2.1 – Anos 1950

Na década de 1950, Pedro Geiger publica quatro artigos na Revista Brasileira de Geografia. O primeiro deles, “Alguns problemas geográficos na Região entre Teófico Otôni (Minas Gerais) e Colatina (Espírito Santo)” foi pensado durante uma viagem organizada pelo Conselho Nacional de Geografia (CNG) à Bahia, e que teve a participação dos geógrafos Gottfried Pfeifer<sup>10</sup>, Leo Waibel, Walter Egler e Pedro Geiger, o grupo pode observar alguns problemas de ordem geográfica no território pouco estudado do vale do Rio Doce, entre os municípios de Governador Valadares e Colatina. A partir dessas observações, Pedro Geiger começou a esboçar o que seria o seu primeiro artigo publicado na Revista Brasileira de Geografia, em 1951.

O artigo é estruturado em divisões em problemas da geomorfologia do lugar e de sua ocupação humana. Entre os problemas geomorfológicos, o autor destaca as dificuldades que a Grande Serra localizada entre os municípios de Teófilo Otoni e Governador Valadares impõe à construção de estradas, e resgata obras mais antigas, como de Caio Prado Júnior e Alberto Lamego para explicitar a questão do desmatamento que já ocorria nesse território. Por último, Pedro Geiger deixa uma pergunta, levanta uma questão para posteriores estudos acerca de um pertencimento do bloco falhado local (na cidade de Mantena) a um grande conjunto de frentes escarpadas brasileiras, já estudadas por Alberto Lamego.

Embora o artigo seja bastante descritivo, inclusive porque – em 1951 – Pedro Geiger já havia produzido diversos estudos e trabalhos de reconhecimento do território brasileiro para o IBGE, o autor não estabeleceu a tradicional dicotomia entre Geografia Física e Humana. A Geomorfologia seria um ramo bastante específico à parte, mas durante a descrição sobre a ocupação humana, Pedro Geiger elucidou os aspectos naturais como fundamentais, tanto quanto as vias de comunicação, para a organização espacial dessas localidades. Mesmo tendo sim um trabalho pioneiro naquela área e por isso já bastante interessante, o autor lamenta o pouco tempo disponível para aprofundar mais nos problemas e levanta algumas questões sobre os problemas encontrados, entre eles, a concentração de terra e as vantagens das pequenas e médias propriedades para a produtividade agrícola brasileira.

Em 1954, o autor publica, com Ruth Lyra Santos, “Notas sobre a evolução da ocupação humana na Baixada fluminense”. Nesse artigo, os autores buscam relacionar as mudanças decorrentes da modernização nas

---

<sup>10</sup> O prof. Pfeifer estava no Brasil para ministrar cursos de Aperfeiçoamento e Extensão do Departamento de Geografia da Universidade do Brasil (EVANGELISTA, 2004)





estruturas econômicas das cidades - juntamente com a manutenção de estruturas arcaicas e rudimentares no campo – com a própria formação das paisagens da Baixada Fluminense da década de 1950. A região da Baixada Fluminense estabelecida pelos autores incluem os então municípios de Campos dos Goytacazes, Cabo Frio, Araruama, Niterói e São Gonçalo. Essa diferença para a região da Baixada Fluminense atual<sup>11</sup> se deve à influência da filosofia positivista das escolas tradicionais de Geografia (ROCHA, 2007) onde ainda predominavam as regionalizações baseadas no quadro natural. Nesse caso, a diferença geomorfológica foi preponderante para a diferenciação da área de terras baixas localizada entre a Serra do Mar e o Oceano Atlântico. Nesse sentido, os estudos de Pedro Geiger contribuíram muito para uma nova regionalização, baseada nos processos espaciais derivados da ocupação econômica (ALMEIDA, 2008).

Vale mencionar a forma inovadora de estudo desenvolvida pelos autores, principalmente quando já em inícios da década de 50 correlacionam os processos industriais às transformações espaciais. A contribuição inovadora dos autores se faz destacar também pela correlação estabelecida entre a industrialização, urbanização e modernização dos transportes e comunicação, indicando sua respectiva tendência à concentração nas cidades. Com a indústria se desenvolvendo e gerando cada vez mais riquezas, a população urbana também cresceu. Os transportes mais eficientes promoveram um movimento migratório diário, mas em distâncias relativamente grandes, ou seja, um movimento pendular de ida e volta do trabalho em um mesmo dia. Assim, na década de 50, os autores já chamavam a atenção para o aparecimento de “cidades-dormitórios”, centros residenciais e industriais simultaneamente, na periferia do Distrito Federal.

Pedro Geiger e Ruth Santos inferem que o processo de concentração de capital gerou contrastes na região da Baixada Fluminense. A desigualdade, fruto do processo capitalista que vivia o estado do Rio de Janeiro, estava cada vez mais nítida nas crescentes e dinâmicas áreas urbanas para com as áreas rurais. Contudo, as produções industriais e agrícolas sempre cresceram. Ainda que a agricultura tenha crescido muito menos, não se poderia caracterizar uma decadência por completo na região.

Em 1956, O artigo “A região setentrional da Baixada fluminense” faz parte de uma série de trabalhos realizados por Pedro Geiger – geógrafo do CNG – para a Comissão de Solos do Centro Nacional do Ensino e

<sup>11</sup> A Baixada Fluminense tratada atualmente é aquela estabelecida pela Secretaria de Desenvolvimento da Baixada e Região Metropolitana – SEDEBREM, contendo os municípios que compunham o recôncavo da Guanabara, à exceção de Itaboraí, São Gonçalo e Niterói, e à inclusão de Itaguaí e Paracambi. Extraído e adaptado da Biblioteca Virtual de Meio Ambiente da Baixada Fluminense <http://www.bvambientebf.uerj.br/arquivos/regioes.htm>, acesso em: 15/05/2012



Pesquisas Agronômicas. A Comissão tinha por objetivo a elaboração de um mapa de solos do estado do Rio de Janeiro e o autor foi responsável por realizar estudos geográficos que pudessem ser úteis ao objetivo da Comissão.

A região que foi estudada foi à parte setentrional da baixada fluminense, atual região norte e noroeste fluminense. Pedro Geiger inicia o artigo com seus estudos acerca dos aspectos físicos do território, fazendo uma análise capaz de abranger relações geológicas e geomorfológicas com a finalidade de fazer um levantamento pedológico que pudesse ser útil aos estudos da Comissão dos Solos. Na segunda parte, o autor relata a ocupação humana explorando, principalmente, o perfil dos trabalhadores da região e seus locais de produção e seus efeitos na população e nas relações de trabalho no norte fluminense. Após isso, o autor faz considerações sobre a economia local, sendo ela bastante dependente da agricultura e indústria açucareira, mas também apresentando a pecuária, o cultivo de café e mandioca, e a extração de lenha em sua composição econômica.

Ao final do artigo, o autor estabelece oito regiões classificadas como Zonas, e que apresentaram características semelhantes que tornassem possível a aglutinação em regiões distintas uma das outras.

O artigo “Urbanização e Industrialização na Orla Oriental da Baía de Guanabara”, publicado em 1956, na Revista Brasileira de Geografia (RBG) busca analisar a urbanização e a industrialização de então áreas rurais localizadas próximas ao Rio de Janeiro na primeira metade do século XX, na região compreendida pelos municípios de Niterói e São Gonçalo. Localizada na orla oriental da baía de Guanabara, ou seja, em frente à cidade do Rio de Janeiro, esta região, que separada somente por um braço de mar da então capital da República, teve seu processo de urbanização e industrialização extremamente associado a vida política e econômica do Rio de Janeiro.

Geiger procura explicar a ocupação interurbana de Niterói e São Gonçalo e assinalando seus condicionantes geográficos. Assim, conforme o autor, a cidade de Niterói, que começou a se desenvolver a partir do seu centro comercial e administrativo, esbarrou a leste com um bloco montanhoso, levando a penetração para os vales e para o sul, ocupando enseadas de praias arenosas, que constituíram os bairros aristocráticos de Icaraí e Saco de São Francisco, por exemplo.

Diferentemente de Niterói, São Gonçalo teve caráter mais suburbano com o comércio de pequeno varejo na praça local ou em alguns trechos das estradas e/ou ruas com dispersões nos seus casarios. Esta ocupação é





explicada pelo autor em função dos interesses nos loteamentos das antigas propriedades rurais, que determinaram uma expansão desordenada e rápida, não acompanhada de melhoramentos urbanos.

Posteriormente, Geiger não apenas dá ênfase ao papel dos fatores geográficos na explicação do processo de urbanização e industrialização da orla oriental da baía de Guanabara, como também associa economia política e geografia. O autor menciona que os fatores econômicos acrescidos à topografia local foram os principais responsáveis pela paisagem da orla oriental da Guanabara, desenvolvendo-se sob a influência das condições gerais do país, nas vizinhanças de uma grande cidade, o Rio de Janeiro. Aponta também que a inserção da indústria moderna nas áreas rurais possibilitou a urbanização de Niterói e São Gonçalo, crescendo através de pequenas localidades, ainda mal conservadas e cercadas por grandes e pequenas propriedades, de população relativamente numerosa. Outros temas destacados pelo autor que valem menção referem-se à especulação dos proprietários de terras, impactando na dispersão das habitações dos centros urbanos, e então a conturbação de Niterói e São Gonçalo, gerando uma paisagem industrial com traços de transição de paisagem rural para urbana.

## **2.2 – Anos 1960**

No artigo “Ensaio sobre a estrutura urbana do Rio de Janeiro”, publicado pela Revista Brasileira de Geografia em 1960, Pedro Geiger explora o desenvolvimento urbano-industrial da cidade do Rio de Janeiro até a entrada da década de 1960, que representou profundas transformações para a cidade, e para o estado de um modo geral.

Ao realizar uma análise do sítio urbano onde se localiza a cidade do Rio de Janeiro, o autor considera a questão do relevo como uma problemática que exerce de maneira até autoritária sua influência na ocupação urbana da cidade. Ele compara com outras grandes cidades do mundo cujo aspecto físico natural mais agravante é a existência de um ou mais rios cortando o sítio urbano. É muito mais fácil construir pontes do que túneis nas cidades. Pedro Geiger observa que alguns bairros como Copacabana e Maracanã possuem acessos tão restritos que logo se tornariam pontos de estrangulamento do tráfego na cidade (GEIGER, 1960. pp. 7). Essa observação foi uma das pioneiras sobre os problemas de circulação que a cidade do Rio de Janeiro implica à sua população.

Em seguida, o autor faz análises sobre a estrutura urbana, as funções urbanas de cada zona da cidade do Rio de Janeiro. Observa-se que alguns bairros passaram por grandes mudanças que transformaram completamente a paisagem daquele lugar. Todavia, alguns bairros não mudaram tanto e as observações feitas



por Pedro Geiger continuam a vigorar nesses locais. Uma história ou outra se observa a importância do estudo minucioso feito por Geiger para análise e comparação futuras no âmbito da Geografia Histórica.

Ao final do artigo, o autor tece vários comentários, baseados em tabelas elaboradas pelo menos, acerca da metropolização das cidades vizinhas ao Distrito Federal, ou seja, a expansão das fronteiras da metrópole e, com isso, reflexos na composição da população, emprego de mão-de-obra, prestação de serviços e utilização dos transportes públicos, bem como a infra-estrutura para tal.

O artigo “Aspectos do fato urbano no Brasil”, escrito em co-autoria com a geógrafa Fany Davidovich, que fez do artigo um resumo adaptado de uma importante obra de Pedro Geiger que seria publicada posteriormente, marca uma sutil mudança no foco dos estudos de Pedro Geiger. Após alguns anos escrevendo e desenvolvendo importantes trabalhos para a região Sudeste de um modo geral, e para o estado do Rio de Janeiro de um modo particular, “Aspectos do fato urbano no Brasil” tem uma abrangência muito maior, uma abrangência nacional. Dois anos depois da publicação do artigo, Pedro Geiger publicou o livro “Evolução da Rede Urbana do Brasil” e, de certa forma, manteve o foco de suas pesquisas em escala nacional por mais alguns anos.

Durante o artigo, os autores destacam diversos aspectos interessantes como os grupamentos urbanos localizados, em sua maioria, no litoral brasileiro. Exceto pela região Sudeste, que por ser a mais dinâmica economicamente, influencia na interiorização dos grupamentos e formam, juntamente com a região Sul, uma região com quase metade de sua população vivendo em áreas urbanas, e classificando essas áreas em categorias capazes de distinguir um função urbana de outras. A seguir, os autores fazem um estudo mais minucioso sobre as principais cidades brasileiras. No Sul, destacando Porto Alegre; no Sudeste, seu primeiro território de vida, destacou-se as redes entre os estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro; no Nordeste, Recife, Salvador e Fortaleza; e no Norte, Belém do Pará. O Distrito Federal, Brasília, recebeu um destaque especial como recém-construída capital do país, ainda que fosse um plano governamental antigo. Mas os autores tiveram a oportunidade de demonstrar as profundas mudanças estruturais que o desenvolvimento da indústria é capaz de fazer nos perfis das cidades brasileiras.

Em 1969, Pedro Geiger publica o artigo intitulado “Regionalização” - cinco anos após publicar “Organização Regional do Brasil” – que se propõe a uma discussão metodológica sobre o reaparecimento dos temas de Geografia Regional à luz de uma Nova Geografia que também surgia chamada de “Geografia moderna” pelo autor.



Esclarecendo que a divisão realizada em “Organização Regional do Brasil” não ocorreu em regiões, mas sim em unidades econômicas bastante vastas para que lhe fossem atribuídas a classe de região, o autor resgata uma discussão teórica sobre a definição do conceito de “região”, levantando diversas reflexões presentes nos discursos da Geografia e das Ciências Sociais.

Durante o artigo, o autor fornece seguidos exemplos de como as regiões brasileiras estão relacionadas com as políticas de planejamento e que, por sua vez, a Geografia de métodos sistemáticos seria a ciência que mais poderia fornecer subsídios à realização desses planejamentos regionais. Ainda em 1969, participou do programa de pós-graduação da Columbia University, nos Estados Unidos, como professor visitante.

### **2.3 – Anos 1970**

Em 1970, Pedro Geiger continua escrevendo trabalhos sobre a temática da Geografia Regional. No artigo “Divisão regional e o problema regional”, o autor levanta uma série de questões envolvendo a divisão regional elaborada na década de 1940 pelo IBGE marcada, principalmente, pela sobreposição do quadro socioeconômico pelo quadro natural. O autor critica a obsolescência da divisão, ainda que ela tenha sido de grande valia ao longo dos anos para que os pesquisadores pudessem estudar levantar dados estatísticos e compará-los. Entretanto, as microrregiões – como recomenda o autor – devem ser revistas em intervalos de dez anos para que novos estudos possam contribuir para a atualização da estrutura espacial da região.

Pedro Geiger, funcionário do IBGE, salienta que esse deve ser o órgão responsável e atualizar esses estudos. Mas, durante todo o artigo, o autor demonstra novas ideias e recomendações de como o órgão poderia ser mais eficiente se adotasse novos modelos metodológicos de regionalização, entre os quais citados no próprio artigo e no artigo de 1969, “Regionalização”.

No artigo “Cidades do Nordeste. Aplicação de ‘factory analysis’ no estudo de cidades nordestinas”, publicado também em 1970, demonstra que Pedro Geiger, recém-chegado de uma temporada como professor visitante nos Estados Unidos, havia recebido a corrente teórica-quantitativa da New Geography e já estava a utilizando como método em seus estudos.

Pedro Geiger seleciona 23 cidades nordestinas; estabelece 19 variáveis, como matrículas escolares, depósitos bancários, percentagem de pessoal ocupado, entre outros; e utiliza sistemas de computadores para aplicar a “análise fatorial” e criar uma classificação das cidades.



Através do cruzamento de diversos dados que o autor apresenta em tabelas comparativas, obteve-se um gráfico que representa um placar de pontos obtidos pelas cidades nas variáveis. Por exemplo, Salvador obteve mais pontos no cruzamento de dados de “arrecadação de impostos” e “aumento de estabelecimentos industriais”.

Através desse método de análise, o autor pode confirmar que a verdadeira metrópole do Nordeste é Recife e concluiu que o método, aprendido através de um curso ministrado no IBGE, foi eficiente no objetivo de atender a demanda por planejamento por parte da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste, SUDENE, cuja necessidade foi apresentada na introdução do artigo.

Em 1973, Pedro Geiger escreve um artigo para “fixar rumos para a pesquisa urbana” no Brasil. O autor relata que foi motivado pela expansão do sistema urbano no mundo e pela conseqüente multiplicação de trabalhos sobre a temática urbana em geral.

Demonstrando a grande influência dos métodos sistemáticos da Geografia teórico-quantitativa, Pedro Geiger escreve um artigo que muito se assemelharia a um manual de pesquisas urbanas, porque de modo bastante explicativo, quase didático, o autor elabora um panorama da pesquisa urbana da época, demonstra problemas enfrentados, analisa a contribuição da Geografia, cita exemplos, e orienta a organização de uma expansão de estudos urbanos para o IBGE, órgão em que ainda trabalhava e ocupava importantes cargos.

É importante ressaltar que, em 1973, Pedro Geiger já era um notável geógrafo de grande importância nacional e cada vez mais reconhecido internacionalmente por seus trabalhos anteriores. Ainda em 1973, o geógrafo ministrou a disciplina de “Geografia Urbana” na University of Toronto, no Canadá. Com isso, Geiger possuía experiência suficientemente vasta para escrever um artigo que pudesse ser assimilado e utilizado como base para posteriores pesquisas e, de fato, ele se tornava uma referência cada vez mais indispensável nos estudos regionais, econômicos e urbanos.

Ainda na década de 1970, em artigo intitulado “Reflexões sobre a evolução da estrutura espacial do Brasil sob o efeito da industrialização”, escrito mais uma vez em parceria com a geógrafa Fany Davidovich, Pedro Geiger destaca que a fase industrial que o Brasil vivia à época, trazia novas dinâmicas e interações socioeconômicas que lhe eram peculiares. Com isso, se percebia uma necessidade de reelaboração das definições de hierarquia entre as cidades brasileiras.



A partir disso, os autores escrevem em uma análise mais detalhada sobre a evolução das macrorregiões brasileiras, demonstrando através de tabelas os ganhos e as perdas do valor da transformação industrial, por exemplo. Os autores ainda fazem uma reflexão sobre os fenômenos de interiorização e litoralização das estruturas espaciais do Brasil, demonstrando que há papéis distintos que as indústrias desempenham em cada um dos fenômenos.

Por conseguinte, os autores estabelecem novas categorias de cidades, negando ao modelo tradicional de hierarquia rígida em dominam um Centro e suas periferias dependentes. Após os anos de 1990, essa lógica de hierarquia flexível entre as cidade ficou visível segundo as revoluções nos meios técnicos-científicos-informacionais. Contudo, é possível observar que a própria modernização industrial foi capaz de fazer com que Pedro Geiger e Fany Davidovich percebessem essa mudança estrutural ainda por se aprofundar.

Em 1974, Pedro Pinchas Geiger, Maria Salete Ney da Motta Lima e Myriam Emile Abi Abib escrevem em conjunto o artigo sobre a “distribuição de atividades agropastoris em torno da metrópole de São Paulo”. O artigo serviu, na realidade, como um meio de demonstrar a aplicabilidade do modelo de Von Thünen para atividades agropastoris no espaço geográfico.

Escrito para o Núcleo de Planejamento Urbano e Regional (PLANUR), o artigo apresenta todas as características sistemáticas e metodologias da corrente teórica-quantitativa da Geografia, demonstrando mais uma vez que Pedro Geiger esteve realmente envolvido nessa importante fase da Geografia mundial e brasileira.

Após estabelecerem as variáveis, e os demais termos, foram produzidos diversos gráficos e tabelas capazes de demonstrar a que a expansão da metrópole de São Paulo refletiu também na expansão das atividades agropastoris, principalmente em dois eixos de direção, sendo eles a Noroeste, para o Sul de Goiás, e a sudoeste, para o Norte do Paraná. E, na conclusão, os autores esclarecem que o modelo aplicado se assemelha bastante ao proposto por Von Thünen demonstrou que as atividades realmente obedecem às forças econômicas, haja vista os tipos de produtos, segundo sua perecibilidade e seu valor unitário.

Em 1976, o geógrafo leciona como professor visitante na Université de Paris I (Pantheon-Sorbonne), na França. Essa temporada em um país em que crescia a corrente da chamada Geografia crítica possibilitou a Pedro Geiger um contato com essa renovação geográfica para além da corrente teórica-quantitativa, esse contato se refletiu em seus trabalhos posteriores, na década de 1980 em diante.



#### **2.4 – Anos 1980**

Na obra publicada em 1980 sobre a concentração dos estabelecimentos industriais, e que teve a colaboração de Helena Alvim Castello Branco, Ciléa Souza da Silva e Zélia Guedes de Moraes, Pedro Geiger permite explicitar uma preocupação geral das instituições governamentais na década de 1980: A concentração industrial.

Como em diversas obras anteriores, Geiger sempre demonstrou que os investimentos industriais necessitavam de uma infraestrutura que permitisse uma eficácia ao sistema produtivo. Dessa maneira, poucos espaços brasileiros dispõem de tão boas condições para tal, de modo que a concentração acaba ocorrendo em poucas localidades, o que prejudica o país devido à consequentes desníveis interregionais.

Após um breve histórico da industrialização no Brasil entre as décadas de 1960 e 1970, que Pedro Geiger estudou bastante, como foram – inclusive – apresentado neste artigo, os autores se utilizam de dados estatísticos para elucidarem a evolução de setores industriais nos centros regionais e nacionais. Após a construção de um mapa do Brasil segundo seus potenciais industriais, o autor e seus colaboradores destacam alguns fatores preocupantes oriundos dessa concentração industrial como, por exemplo, a incapacidade de absorver a mão-de-obra disponível e a uma preocupação com a degradação do meio ambiente, antes que esse fosse um assunto de importância prioritária do governo brasileiro, como o é nos anos 2000.

No artigo “Interestaduais de Vazamento de renda e Pobreza Urbana”, publicado no início da década de 1980, a obra de Pedro Geiger já demonstra um afastamento dos métodos de análise sistemáticos da corrente teórico-quantitativa da Geografia, embora ainda utilize alguns recursos matemáticos a fim de obter resultados numéricos sobre o tema que sempre lhe despertara bastante atenção: A desigualdade entre as regiões e a pobreza de renda.

O autor inicia o artigo com um breve debate acerca da questão da pobreza e da grande concentração de renda existente no Brasil, tanto em período de recessão econômica quanto em períodos de crescimento econômico. Uma importante distinção é feita pelo autor, a diferença entre pobreza relativa – quando se tem um menor poder aquisitivo menor que o necessário para ter o padrão de vida médio da população local – e pobreza absoluta – quando não se tem poderes aquisitivos para consumir o mínimo para a sobrevivência.

No principal objetivo do artigo, descrever os fluxos financeiros interestaduais, o autor faz um levantamento de dados financeiros de cada estado e depois os cruza em, por exemplo, rendimentos, renda





interna, renda *per capita*, rendimento esperado e saldo na balança comercial. E, após a análise da cada estado esclarecendo se houve evasão ou inserção de rendimentos, foi possível ao autor criar um gráfico demonstrando a classificação dos estados brasileiros de acordo com a renda e rendimentos. Ao final, o autor acena à esperança de que através do artigo, mais medidas possam ser tomadas para amenizar os problemas oriundos da desigualdade.

Em 1982, Pedro Geiger estava próximo de sua aposentadoria e após ocupar diversos cargos importantes no IBGE, estava exercendo a função de coordenador do Departamento de Estudos Geográficos (DEGEO) e o artigo “Contribuição aos estudos da estrutura espacial do sistema industrial no Brasil” foi escrito com a colaboração de Vera Lúcia da Moita Delerue, Pedro Pinto Felicíssimo, Alice Dora Vergara G. da Silva, Nelice Rezende Barbosa e Nádía Raab.

Nesse ano, o Banco Mundial havia procurado o IBGE para obter dados para um estudo comparativo sobre a industrialização no Brasil, sendo que esse mesmo projeto já estava em andamento no DEGEO, ou seja, ocorreu uma feliz coincidência de projetos. A partir disso, esse artigo se propôs a demonstrar os primeiros passos do projeto, demonstrando suas perspectivas, objetivos, justificativas, métodos e ambições. Criando assim um sistema de informações que exerceria uma importante função instrumental para posteriores estudos e medidas práticas.

### Considerações Finais

Este artigo faz parte de um amplo projeto chamado *Dicionário dos Geógrafos Brasileiros, 1890-1990* do GeoBrasil, Grupo de Pesquisa Geografia Brasileira: História e Política, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) que pretende não apenas reconstituir a memória da ciência geográfica brasileira, mas também reforçar e divulgar importantes contribuições ao estudo da geografia do Brasil. Buscou-se, através da releitura e análise das mais importante publicações de Pedro Pinchas Geiger na Revista Brasileira de Geografia, reconstruir a trajetória espacial e intelectual do autor, bem como suas influências. Ou seja, aqui se buscou resgatar o território de vida do autor.

O geógrafo, de influências políticas de esquerda, iniciou muito cedo sua carreira no IBGE o que possibilitou o contato com diferentes fases da Geografia brasileira, assim como diferentes fases de sua vida acadêmica. Desde seus primeiros trabalhos bastante descritivos, divididos entre Geografia física, humana e



econômica e em escalas regionais, concentradas no Sudeste principalmente, até seu grande contato com a New Geography e seus modelos e métodos matemáticos de análise e a influência da Geografia crítica em suas últimas obras publicadas na RGB. Trabalhando para órgãos do governo na maior parte da vida, Geiger não poupou esforços para fornecer suas contribuições intelectuais aos institutos de planejamento e pesquisa brasileiros, além de preparar futuros geógrafos em suas temporadas como professor visitante em Universidades brasileiras e estrangeiras. Aposentou-se do IBGE em 1984, aos 65 anos, com uma vasta produção acadêmica, e tendo ocupado importantes cargos que foram fundamentais para o crescimento e sucesso do Instituto.

Ocupou o cargo de professor visitante na University of Texas System, nos Estados Unidos, de 1984 até 1995. Tendo exercido atividades e desenvolvido pesquisas também na Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente, Pedro Pinchas Geiger é professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), atuando na Linha de Pesquisa 1, Globalização, Políticas Públicas e Reestruturação Territorial.

### Referências Bibliográficas

ALMEIDA, R. S. **Regionalização do Estado do Rio de Janeiro: Das regiões dos anos 40 aos arranjos produtivos locais do início do século XXI**. In COELHO, O. FERNANDES, N. História e Geografia Fluminense. Rio de Janeiro: CREA-RJ e IGHRJ, 2008

EVANGELISTA, H. **O XVIII congresso da União Geográfica Internacional – UGI (Rio de Janeiro, 1956)**. Revista Geo-paisagem. Rio de Janeiro, jan.-jun. 2004, ano 3, nº 5. ISSN nº 1677-650X

EVANGELISTA, H. **Conselho Nacional de Geografia**. Revista Geo-paisagem. Rio de Janeiro, jan.-jun. 2012, ano 11, nº 21. ISSN nº 1677-650X.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC – FGV). Disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/jose\\_oiticica](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/jose_oiticica)>  
Acesso em: 30 de maio de 2012

GEIGER, P. **Alguns problemas geográficos na Região entre Teófico Otôni (Minas Gerais) e Colatina (Espírito Santo)**. Revista Brasileira de Geografia. Vol. 13, nº 3. 1951

-----, e SANTOS, R. **Notas sobre a evolução da ocupação humana na Baixada fluminense**. Revista Brasileira de Geografia. Vol. 16, nº 3. 1954



- . **A região setentrional da baixada fluminense**. Revista Brasileira de Geografia Vol. 18, nº 1. 1956
- . **Urbanização e industrialização no Orla Oriental da Baía de Guanabara**. Revista Brasileira de Geografia. Vol. 18, nº 4. 1956
- . **Ensaio para a estrutura urbana do Rio de Janeiro**. Revista Brasileira de Geografia Vol. 22, nº 1. 1960
- . e DAVIDOVICH, F. **Aspectos do fato urbano no Brasil**. Revista Brasileira de Geografia. Vol. 23, nº 2. 1961
- . **Regionalização**. Revista Brasileira de Geografia. Vol. 31, nº 1. 1969
- . **Divisão regional e o problema regional**. Revista Brasileira de Geografia. Vol. 32, nº 2. 1970
- . **Cidades do Nordeste. Aplicação de "factory analysis" no estudo de cidades nordestinas**. Revista Brasileira de Geografia. Vol. 32, nº 4. 1970
- . **Diretrizes e prioridades em pesquisas urbanas**. Revista Brasileira de Geografia. Vol. 35, nº 1. 1973
- . e DAVIDOVICH, F. **Reflexões sobre a evolução da estrutura espacial do Brasil sob o efeito da industrialização**. Revista Brasileira de Geografia. Vol. 36, nº 3. 1974
- . et al. **Distribuição de atividades agropastoris em torno da metrópole de São Paulo**. Revista Brasileira de Geografia. Vol. 36, nº 4. 1974
- . et al. **Questões da Concentração Geográfica dos Estabelecimentos Industriais**. Revista Brasileira de Geografia. Vol. 42, nº 2. 1980
- . **Fluxos Interestaduais de Vazamento de renda e Pobreza Urbana**. Revista Brasileira de Geografia. Vol. 42, nº 3. 1980
- . et al. **Contribuição aos estudos da estrutura espacial do sistema industrial no Brasil**. Revista Brasileira de Geografia. Vol. 44, nº 2. 1982
- MACHADO, M. **A Geografia Universitária Carioca e o Campo Científico-Disciplinar da Geografia**. 2002. Doutorado em Geografia (Geografia Humana) (Conceito CAPES 7) . Universidade de São Paulo, USP, Brasil.
- ROCHA, A. S. **(Re)pensando a Baixada Fluminense em um contexto da Região Metropolitana do Rio de Janeiro : Sociedade, Território e Representação**. Revista Geo-Paisagem. Rio de Janeiro, jul.-dez. 2007, ano 6, n. 12. ISSN nº 1677-650X
- SOARES, J. C. M. **Apresentação**. Revista Brasileira de Geografia. Ano I, nº 1. 1939. pp. 3 – 6.